

A INOVAÇÃO DE CRISIPO NO DEBATE SOBRE A RESPONSABILIDADE MORAL

MARCOS BRIZOLA¹;
JOÃO HOBUSS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – marcosvrb1994@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – joao.hobuss@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Dentre as diversas concepções sobre o que é a filosofia, tomando-a como uma atividade humana, um método desenvolvido sobretudo para dar uma resposta, ou ao menos uma tentativa em buscar a verdade sobre as principais questões da existência humana- embora por diferentes aspectos e enfoques - podemos encontrar uma infinidade de teorias que nos interessam para enfrentarmos os mais variados dilemas que encontramos no nosso cotidiano.

Uma dessas principais questões da história da humanidade, e, conseqüentemente, da filosofia, é a questão da liberdade. Para questões mais teóricas, podemos dizer que é imprescindível pressupormos um mínimo de liberdade nas escolhas das ações dos indivíduos para que estes possam ser julgados conforme determinado padrão de correção¹. Tratando agora em uma esfera mais cotidiana do viver humano, em algum momento da nossa vida todos já nos questionamos se somos realmente livres ou não, e, se somos, o quanto somos.

Mas é importante esclarecer sobre que tipo de liberdade estamos tratando. Provavelmente todos, ou a grande maioria das pessoas, pensam que são determinados no seu agir, em nosso pensar e em nosso querer, pelo menos em um certo ponto pelas nossas características biológicas, condições socioculturais etc.. Mas será que o fato de tudo, ou de alguns fatos, estar determinados implica necessariamente em exclusão da possibilidade de sermos elogiados ou condenados por nossas ações?

Este questionamento é antigo, uma das correntes filosóficas que se debruçaram sobre esta questão é a escola estoica, a principal escola do período helenístico. Surgiu no século 4 a.c. e durou até o século 3 d.c., embora tenha passado por algumas variações em suas teorias. A questão chave é: até onde o determinismo causal (a ideia segundo a qual toda ação é consequência de uma causa anterior necessária)² defendido pelos estoicos interfere em nossas ações? Tentarei mostrar aqui a possível compatibilidade entre o determinismo e a atribuição de responsabilidade moral nas interpretações na teoria estoica, sobretudo em Crisipo, possivelmente o principal nome do estoicismo (279-206 a.c.).

1 Kant no prefácio à segunda edição da *Crítica da Razão Pura* diz ser necessário ao menos podermos pensar a liberdade sem contradições para sustentar a moralidade, mesmo que seja impossível comprová-la através da experiência. “Como para a Moral nada mais necessito que a liberdade não se contradiga e portanto seja ao menos pensável sem necessidade de compreendê-la ulteriormente.” (KANT, 1983, p.17)

2 Atualmente as teorias deterministas são divididas entre determinismo “duro” e “brando”, o segundo busca preservar a responsabilidade moral através da possibilidade de mudança por parte do agente, já o primeiro exclui a possibilidade de responsabilidade moral. (BOERI, 1999, p. 13)

2. METODOLOGIA

Meu trabalho será analisar o determinismo estoico, principalmente na visão de Crisipo, e localizar algumas diferenciações de sua concepção para as dos estoicos anteriores. É importante ressaltar que é muito complicado fazer afirmações mais generalistas sobre os filósofos do pórtico, pelo fato de ter chegado até nos apenas fragmentos dos pensadores adeptos do estoicismo antigo, utilizarei principalmente a obra “Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres” de Diógenes Laércio e os artigos “El problema de la libertad y el estoicismo antigo” e “El determinismo estoico y los argumentos compatibilistas de Crisipo” de Marcelo Boeri.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estoicismo é considerado na história da filosofia como a primeira escola que buscava de alguma forma conciliar o determinismo com a responsabilidade moral, o que investigaremos aqui é o que seria abarcado por este determinismo.

Como se sabe, na história da filosofia o estoicismo é dividido em três períodos: no terceiro estoicismo, chamado estoicismo tardio, em alguns casos estoicismo romano, a escola perde um pouco de suas características mais teóricas e se volta mais a questões de ética prática. E é justamente aos textos destes períodos que temos mais acesso, o que não é o caso dos textos da primeira e da segunda fase estoicismo, onde o acesso se dá mais por testemunhos ou relatos, o que torna ainda mais espinhosa a análise e investigação sobre os filósofos do pórtico.³

Uma das principais fontes para o estudo do pensamento não só do estoicismo, mas de boa parte da filosofia helenística é o *Vida e doutrina dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio, obra datada do século 3 d.c. No capítulo concernente ao da filosofia estoica, vemos uma certa discordância entre a visão de Cleantes e Crisipo, respectivamente o segundo e o terceiro diretor da escola, após Zenão, seu fundador:

Por natureza conforme à qual devemos viver, Crisipo entende tanto a natureza universal como a natureza humana em sua individualidade, enquanto Cleantes entende por natureza que devemos seguir somente a universal e não a individual. (DIÓGENES LAERCIO, 2008, p. 202)

“

A partir deste pequeno relato de Diógenes Laércio vamos analisar justamente em que se diferenciam as concepções de Crisipo com relação aos estoicos anteriores, Boeri em seu artigo, define a inovação do estoicismo pela introdução da ideia de causa universal, mas ao mesmo tempo em que há essa noção de que tudo estaria determinado, vemos na ética da escola de Zenão uma grande austeridade, uma moral rígida com muitos elementos prescritivos, como o dever de adequar-se à natureza, e aceitar o destino mantendo-se no estado de apatia, ou seja sem influência das paixões tão prejudiciais ao indivíduo, pois o sábio é o único que estará livre delas justamente por conhecer essas leis naturais e a ordem do universo. A questão que daí surge é como uma teoria que afirma

3 Susanne Bobzien em seu livro sobre o determinismo nos estoicos afirma: “A consequence of this is that writing about the stoics on determinism and freedom is a very different enterprise from writing on the philosophy of Aristotle, Plato, Lucretius, Cicero or Plotinus”. (BOBZIEN, 1998 p.6)

estar tudo determinado pode ser capaz de prescrever uma ação? Para isso não deveríamos dispor de um mínimo de liberdade?

Portanto cabe esclarecer aqui a noção que teremos de liberdade. Para os estoicos ela consistia em adaptar-se ao destino, à razão, portanto só o sábio seria realmente livre, pois ele tem o conhecimento das leis naturais que regem o universo. Boeri explicita com mais desenvoltura esta noção ao tratar da “consciência ingênua da liberdade”, pois apenas o fato de pensarmos ser livres não implica que isto seja realidade. Um exemplo disso é que quando somos crianças pensamos ser o mais livre dos seres, justamente por não termos o conhecimento destes limites, que seriam, para os estoicos, as leis naturais do universo.

Mas o que há de comum acordo entre os estudiosos da escola de Zenão é que os estoicos defendiam um determinismo causal. Boeri afirma que apesar de os estoicos terem concebido o mundo natural como determinado, abriram uma margem de indeterminação para dar espaço a responsabilidade. Para Boeri, os estoicos concebiam uma tensão existente entre determinismo e responsabilidade moral, abrindo espaço para uma perspectiva em que nem tudo estaria determinado. Portanto, Boeri defende uma interpretação compatibilista no estoicismo, ou seja, o determinismo é compatível com a responsabilidade moral.

Em algum momento, haveria uma oportunidade para realizarmos algo que depende de nós, e não para que apenas analisemos criticamente as impressões que recebemos dos objetos externos. Para tal, ele concebe que haveriam dois “tipos de mundo”: o primeiro, o mundo natural, determinado pela razão superior, o *Logos*. Já o “mundo moral” não poderia ser analisado da mesma forma, pois não descrevemos apenas como ele é, ou seja, sempre prescrevemos algo, dizendo como ele deve ser, atribuímos a ele uma carga normativa. Por isso, para Boeri, é totalmente possível conciliar este determinismo dos estoicos com a responsabilidade, desde que o determinismo não abarque a nossa psicologia, pois a possibilidade da responsabilidade estaria alicerçada sobre a noção daquilo que depende de nós. E a mudança para a discussão do determinismo e liberdade em termos “daquilo que depende de nós”, segundo Boeri, teria sido iniciada por Crisipo, se analisamos os capítulos 39 a 44 do *De Fato* de Cícero, onde há uma exposição sobre a noção de Crisipo acerca da *confatalia*:

“Mas Crisipo recusou por um lado, aceitar a necessidade, mas por outro manteve a ideia de que nada acontece sem uma causa ordenada, ele distingue os diferentes tipos de causa, para ao mesmo tempo “escapar” da necessidade e manter o destino.” (CÍCERO, 1992, p. 17)⁴

Uma das razões que talvez tenha influenciado Crisipo a tentar conceber uma espécie de determinismo “menos rígido” é que seria muito difícil conciliar este tipo de determinismo com a responsabilidade moral, pois este não permitiria a mudança. Crisipo insere a noção de causas principais e causas auxiliares: resumidamente, as causas auxiliares seriam o destino, a natureza em sua totalidade, as impressões, enquanto as causas principais seriam nós mesmos, ou seja, aqui pareceria muito mais plausível a possibilidade de sermos imputados moralmente por nossos atos, visto que eles dependem de nós.

4 “Chrysippus autem cum et necessitatem inprobaret et nihil vellet sine praepositis causis evenire, causarum genera distinguit, ut et necessitatem effugiat et retineat fatum. 'Causarum enim', inquit, aliae sunt perfectae et principales, aliae adiuvantes et proximae. Quam ob rem, cum dicimus omnia fato fieri causis antecedentibus, non hoc intellegi volumus: causis perfectis et principalibus, sed causis adiuvantibus et proximis “

4. CONCLUSÕES

Crisipo é considerado por muitos estudiosos do estoicismo como o principal nome desta escola. Uma das principais razões é justamente por ter buscado “flexibilizar” este determinismo para que a teoria estoica pudesse responder melhor as questões sobre a responsabilidade moral da época. Deslocando o eixo da questão sobre o determinismo justamente para o indivíduo, pois ele é a causa principal de suas ações, enquanto as circunstâncias, as impressões dos objetos externos apenas interferem, mas não determinam a nossa escolha.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIÔGENE LAERTIOS. **Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres** (tradução do grego, introdução e notas : Mario da Gama) - 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BOERI, M. D. El problema de la libertad y el estoicismo antigo. **Hypnos**, Local de Edição, v.3, 159 - 167, 1997.

BOERI, M. D. El eterminismo estoico y los argumentos compatibilistas de Crisipo . **Cuadernos del Sur**, Bahia Blanca, 11 - 47, 1999.

BOBZIEN, S. **Determinism and Freedom in Stoic Philosophy**, Oxford University Press, 1998.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura** (tradução de Valério Rohden e Uldo Baldur Moosburger) - 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Latin Library. **De Fato**. Acessado em 04 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/fato.shtml>